

Eu vejo um anjo

Quando o coração dói, paro a fim de olhar o sino na suave dança com o vento

Por RANJEET KHAIRA

SEMPRE ME senti fascinada por mensageiros do vento. Quando pequena, achava que esses sinos eram objetos engenhosos, pois, ao dançarem com o vento, tornavam-no visível. Recentemente, passei a perceber que na vida há elementos tão reais quanto o vento que só podemos ver com o coração.

Em minha casa perto de Kuala Lumpur, na Malásia, interrompo o que estou fazendo para escutar meus sinos favoritos criando sons como o tilintar de distantes sinos de igreja. Os pensamentos voltam àquele dia, em junho de 1996, quando descobri que estava grávida. Comprei um teste caseiro na farmácia e segui as instruções atentamente. *Senhor, por favor, rezei, faça com que seja positivo.* O resultado parecia estar demorando muito. Então, com a súbita magia de um arco-íris, a linha rosada materializou-se.

Contemplando o resultado positivo, minha alegria misturou-se ao temor. *Por favor, permita que eu tenha esse bebê,* rezei. Seth e eu, casados havia sete anos, não tínhamos filhos.



Eu concebera várias vezes, mas as gravidezes não eram levadas a termo. A cada perda, meu mundo virava às avessas.

No decorrer dos anos, vários ginecologistas me haviam assegurado que os abortos ocorriam porque os ovos fertilizados não se mostravam bons o suficiente. Era o meio de a natureza

garantir que somente os mais sadios vingassem, diziam os médicos.

Depois que o obstetra confirmou que eu estava grávida de novo, Seth e eu instalamos mais um mensageiro do vento em casa, para comemorar nossa dádiva de vida. O sino era comum, com as hastes longas e ocas e o pêndulo de madeira, mas a música que produzia era divina.

Passadas as 12 primeiras semanas de risco, a alegria tornou-se maior. Nos exames pré-natais, eu observava o desenvolvimento do bebê no monitor de ultra-som.

No quinto mês perguntei ao médico se podia saber o sexo, mas ele respondeu que o bebê estava sendo travesso, deitando-se de lado. Eu tinha certeza de que seria menino e parecido com o pai, que eu amava de todo o coração.

Então, na 29ª semana, a bolsa rompeu-se e o bebê começou a se mover freneticamente. No centro médico disseram-me que era muito provável que eu entrasse em trabalho de parto prematuramente. Se o bebê nascesse, precisaria de um respirador para sobreviver.

De repente meu mundo se tornou cinzento e frio. De alguma forma, sabia que o pior estava apenas começando.

Internei-me num hospital missionário católico, no qual havia um respirador. Lentamente, as contrações

foram diminuindo e as batidas cardíacas do bebê pareciam mais fortes. Após 12 dias, voltei para casa com ordens rigorosas de manter repouso absoluto.

Na primeira noite da 36ª semana começou o trabalho de parto e corremos para o hospital. Quando o médico me examinou, não disse nada, mas o pesar em seus olhos me informou de tudo quanto eu precisava saber.

Ele pegou minha mão e disse que não conseguia ouvir o batimento cardíaco do bebê. Meu filhinho estava morto.

Não querendo arriscar complicações decorrentes de uma cesariana, o médico recomendou que eu tivesse parto normal. As nove horas seguintes foram as mais longas de minha vida.

Quando os intervalos entre as contrações foram se reduzindo, implorei a Deus por um milagre.

Por fim, às 12h33 do dia 18 de fevereiro, dei à luz nosso filho. Diferentemente do que ocorre em outros partos, o bebê não chorou, o médico não felicitou os pais, nem as enfermeiras afagaram o recém-nascido. Em vez disso, o médico procurou poupar-me, mantendo o bebê afastado e consolando-me com o fato de que a provação chegara ao fim.

Não para mim, porém. Insisti para que me trouxessem meu filho. Quando o vi, ri e chorei ao mesmo tempo. Tão lindo, igualzinho ao pai.

*Quando o médico
me examinou,
não disse nada,
mas o pesar em
seus olhos me
informou de tudo
quanto eu preci-
sava saber.*

A boquinha era franzida. O nariz, ao mesmo tempo arredondado e pontudo. Tinha cabelos longos e negros, pestanas espessas e olhos amendoados. Parecia que dentro dele havia milhões de gorgolejos, mas não emitiu ruído algum.

Chamamos nosso filho de Joshua e lhe demos o melhor que pudemos – as roupas mais finas, rosas amarelas frescas e, finalmente, a urna azul-bebê mais linda que encontramos, para suas cinzas. Seth e eu segurávamos a urna enquanto o barco nos levava para o mar. Quando paramos, eu não queria soltá-la. Depois de muitas lágrimas, a urna foi colocada nos braços abertos das suaves ondas azuis.

Quando fui fazer o exame pós-parto, um mês após o nascimento, senti-me extremamente incompleta. Todas as outras mães tinham bebês recém-nascidos no colo.

Em casa, o sino de Joshua me lembrava a perda. Muitas vezes pensei em removê-lo, mas não consegui. Era o símbolo que restava de minha alegria e esperança.

Às vezes parecia que eu ia passar o resto da vida sofrendo. Mas, com o correr dos dias, comecei a me dar conta de que o pouco tempo que passara com Joshua fora em si uma bênção. Se aquela gravidez tivesse terminado como as outras, eu nunca teria tido a oportunidade de senti-lo crescendo dentro de mim, de ver seu lindo rostinho e de nele tocar.

As recordações foram um bálsamo para a ferida. Com o tempo, as trevas à minha volta se atenuaram. Há momentos em que o coração ainda dói e, então, paro a fim de olhar o sino na suave dança com o vento. E meu espírito se eleva quando, mais uma vez, vejo meu anjo Joshua.

A H , B O M !



No consultório do dentista eu estava lendo numa revista feminina um artigo sobre *lingerie* sedutora. Terminava com a advertência: “O que os homens realmente detestam é roupa de baixo feia, surrada.” Em seguida alguém tinha rabiscado: “Então por que a usam?”

—MARLENE SPIERS, *Grã-Bretanha*

Durante muitos anos nossas reuniões administrativas foram realizadas nas manhãs de segunda-feira. Por causa de várias circunstâncias, o dia foi transferido para terça-feira. No entanto, essas reuniões continuavam a ser chamadas de “Reuniões das manhãs de segunda-feira”. Certo dia nosso principal executivo distribuiu um memorando que dizia: “Em razão do feriado da próxima semana, a reunião de segunda-feira será realizada na quarta-feira, em vez de terça-feira.”

—GEORGE RUSSELL, *Canadá*